



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 32 – 2009

HOMEM VELHO – HOMEM NOVO

Estes adjectivos não têm nada a ver com o bilhete de identidade, nem correspondem à idade cronológica das pessoas. Estes qualificativos usam-se a partir de uma perspectiva teológica, que procede da fé.

Quando Paulo fala do homem velho está-se a referir àquele que continua a viver ainda na atmosfera do pecado. O homem velho é aquele que ainda não respira a atmosfera da graça, não participa da vida divina oferecida em Jesus Cristo. O homem velho é aquele que está determinado pelos seus desejos e tendências naturais, que ainda não cortou com as suas aspirações meramente humanas e terrenas em que ele se converte na suprema aspiração de si mesmo.

O homem novo é o homem “espiritual”, é aquele que está aberto à acção do Espírito, é iluminado, ensinado, conduzido e guiado por Ele. O homem novo é aquele que como Paulo foi surpreendido pelo mistério, foi até ao deserto da Arábia, experimentou um novo nascimento e descobriu a razão do seu existir. O homem novo, o homem perfeito, o homem autêntico é Jesus Cristo e todo aquele que tem o seu mesmo Espírito. O homem novo vive pela fé, que é a única vida estável e duradoira. São Paulo define o homem novo dizendo que “se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas” (2Cor 5, 17).

O texto mais significativo de São Paulo sobre este particular, encontramos-lo na carta aos Efésios: “É isto, pois, o que digo e recomendo no Senhor: não volteis a proceder como procedem os gentios, no vazio da sua mente; vivem obscurecidos no pensamento, alienados da vida de Deus, devido à ignorância que neles existe e ao endurecimento do seu coração; tornados insensíveis,

a si mesmos se entregam à libertinagem, até chegarem a praticar toda a espécie de impureza, na ganância. Vós, porém, não foi assim que aprendestes, ao conhecerdes a Cristo, supondo que dele ouvistes falar e nele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus: que

deveis, no que toca à conduta de outrora, despir-vos do homem velho, corrompido por desejos enganadores; que vos deveis renovar pela transformação do Espírito que anima a vossa mente; e que deveis revestir-vos do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade” (Ef 4, 17-24).

A passagem da homem velho para o homem novo é semelhante a um novo nascimento e este não se realiza sem dor e sofrimento. Na vida quotidiana do cristão, “o homem velho é crucificado” (Rom 6, 6), até estar totalmente livre do pecado. A sua maneira de ver e julgar a vida e o mundo deve ser transformada pela sabedoria da cruz (1Cor 2, 1). Por meio desta sabedoria converter-se-á, a exemplo de Jesus, em humilde e “obediente até à morte, e morte de

Cruz” (Fil 2, 1-8).

É neste contexto que se deve compreender tudo o que o Apóstolo Paulo expõe acerca da sabedoria da Cruz. A cruz de Cristo que para S. Paulo separa as duas economias da lei e da fé, vem a ser no coração do cristão a fronteira entre os dois mundos: da carne e do espírito. É a única justificação e a única sabedoria. Se Paulo se converteu é porque diante dos seus olhos apareceram os rasgos de Jesus Cristo na Cruz.

Uma vez que Paulo foi justificado pela fé no crucificado, já nada tem a ver com o mundo, nem quer outra



glória: “Quanto a mim, porém, de nada me quero gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo” (Gal 6, 14).

Ele não quero saber outra coisa que “Cristo e este crucificado” (1Cor 2, 2), e por isso mesmo encontra-se crucificado com Ele: “Estou crucificado com Cristo”, escreve aos Gálatas.

A recordação e a referência à cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo é algo lógico no Apóstolo. Ele teve que sofrer muitíssimo. O próprio Cristo já o tinha anunciado a Ananias: “Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. Eu mesmo lhe hei-de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome” (Act 9, 15s).

Em 2Cor apresenta uma longa lista de sofrimentos que tem que passar por Cristo. Por todos estes sofrimentos faz-se semelhante a Cristo na sua morte (Fil 3, 10). Como escreve S. João Crisóstomo: “Paulo imolava-se a si mesmo cada dia a Deus; e esta vítima oferecia-a de duas maneiras, já morrendo cada dia, já submetendo o seu corpo sem trégua à mortificação. De facto preparava-se constantemente para os perigos, consumando um martírio de desejo e mortificando em si a sua carne”.

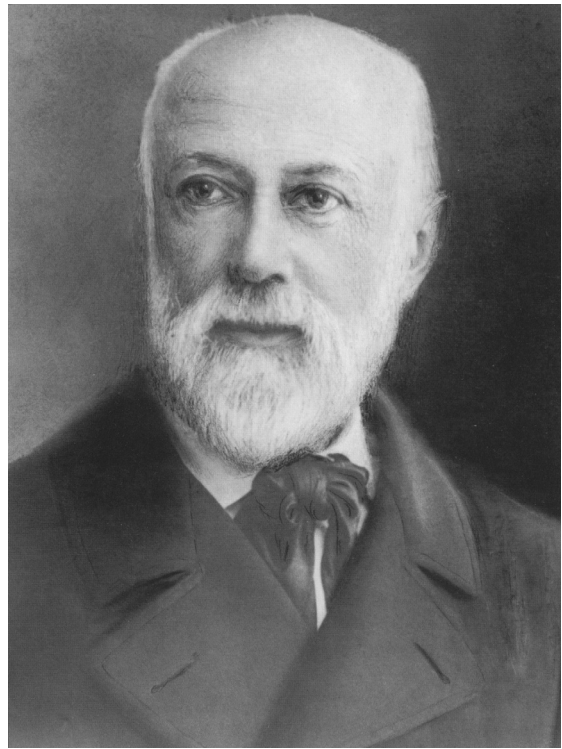
Com os seus sofrimentos Paulo completa na sua “carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja” (Col 1, 24). O sofrimento para Paulo plenifica a sua convivência mística com Cristo’. Toda a sua força encontra-a na ‘união com Cristo crucificado. Paulo sabe que quantos mais sofrimentos tanto mais próximo está de Cristo. Quantos mais sofrimentos em Cristo, tanto maior proximidade a Cristo e à Igreja. O sofrimento pela Igreja nasce da sua comunidade de sofrimento com Cristo.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA, OCD

O casal Martin Modelo de santidade

Com a beatificação dos pais de Santa Teresinha do Menino Jesus, a Igreja estabeleceu pela primeira vez que a comemoração destes esposos fosse no dia em que se uniram em matrimónio, e não no de seu falecimento, como de costume. O dia da beatificação coincidiu com o DOMUND, Domingo Mundial das Missões, e com o 10º aniversário da proclamação de Santa Teresinha de Lisieux como Doutora da Igreja por João Paulo II. É apenas a segunda vez que um casal é elevado aos altares: os primeiros foram Luís Beltrami Quatrocci e Maria Corsini.

Por esta ocasião, Miriam Díez i Bosch entrevistou a professora Eva Carlota Rava, natural da Argentina e residente em Roma, onde lecciona Teologia espiritual, na Pontifícia Universidade Lateranense. Esta docente, que esteve no santuário de Lisieux para a beatificação de Luís Martin e de Zélia Guérin, declara que os pais de Teresinha foram declarados beatos não por serem pais de uma santa, mas por si mesmos e suas virtudes heróicas.



O que é que significa a beatificação dos pais de uma jovem santa?

Rava: Antes de tudo, é preciso esclarecer, como já foi feito em várias ocasiões, que o fundamento da beatificação dos pais da Teresinha não é a santidade da sua filha, mas as virtudes heróicas que eles viveram na sua vida de esposos e pais. Contudo, a beatificação dos esposos Martin manifesta a importância que tem o ambiente familiar e a concreta educação dada para a formação dos filhos, educação integral selada pela vida da fé, ensinada sem dúvida com a palavra, mas sobretudo com o exemplo quotidiano. Se Teresinha é, como disse Pio XI, “a maior santa dos tempos modernos”, isto se explica em parte pelo pai e pela mãe extraordinários que ela teve.

Esteve em Lisieux no dia da beatificação. O que é que destacaria daquele ambiente festivo em comparação com outras beatificações às que assistiu?

Rava: Tive a graça de poder ir a Lisieux para a beatificação e creio que a alegria desse dia permanecerá para sempre dentro de quem assiste a ela. Ainda que eu tenha participado de outras beatificações, foram sempre em Roma. Foi a primeira vez que pude assistir a uma no lugar de origem do beato e isso tornou a beatificação mais próxima. O que mais me impressionou foi o clima tão familiar desse dia: havia pessoas de muitos diferentes lugares e continentes, não só da Europa, mas também da África e da Ásia, unidos todos pela comum devoção a Teresinha e a seus pais, assim como muita gente jovem e casais com seus filhos. Era como se fosse a festa de uma mesma e grande família. A isso se acrescentou que foi um dia radiante, realmente primaveril, como Teresinha teria desejado.

Por que é que não há mais santos leigos e casados?

Rava: Nos primeiros séculos da Igreja, havia leigos, jovens de diferentes profissões, famílias reconhecidas, como Santa Cecília, seu esposo Valeriano e seu cunhado, ou São Vitório e sua esposa Santa Valéria, com seus filhos Gervásio e Protásio, mártires. Mas com o passar dos séculos, ainda que a santidade tenha sido sempre uma vocação universal, na prática pastoral privilegiou-se a vida retirada do mundo, a prática dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência e a profissão dos mesmos como estado de perfeição. O leigo, na medida em que está imerso no mundo e tem obrigações de carácter temporal, pareceu relegado a um cristianismo menos exigente e comprometido.

Na história da espiritualidade, teve que se esperar São Francisco de Sales e depois a própria Santa Teresinha para que na ordem pastoral a santidade fosse cada vez mais um chamado universal dirigido a todos e acessível a todos. Essa é a “novidade” do Vaticano II. A partir do pontificado de João Paulo II, a Igreja interessou-se cada vez mais em promover as causas dos leigos que viveram a sua fé cristã assumindo de forma heróica todos os seus compromissos temporais. Creio que isso explica em parte os poucos santos ou beatos leigos.



Que influência positiva pode ter o modelo do casal Martin, os pais de Santa Teresinha de Lisieux?

Rava: Em geral, os beatos e santos são recordados na liturgia no dia de sua morte. Pela primeira vez, com a beatificação dos esposos Martin, a Igreja estabeleceu que a comemoração destes esposos seja não no dia do seu falecimento, mas no do seu matrimónio. Com isso, entendo que a Igreja deseja assinalar a importância da

união matrimonial como caminho de santificação e fonte de elevação da sociedade.

Ainda que os Martin vivessem num período histórico e em circunstâncias muito diferentes das nossas, a sua experiência serve-nos de exemplo em muitos aspectos. Eles ensinam-nos, ante tudo, a verdade das palavras de Jesus: “Buscai o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo”. Com efeito, conheceram a felicidade de um amor cristão esposal e familiar generoso e profundo e experimentaram a fortaleza necessária para enfrentar todos os sacrifícios. Ainda que sofressem a perda de 4 filhos pequenos, as dificuldades e exigências de um trabalho indispensável para sustentar a família, e graves enfermidades – ela morreu de cancro aos 46 anos e seu esposo, já viúvo, padeceu de arteriosclerose cerebral –, sempre prevaleceu o amor, a confiança e a gratidão entre eles e com Deus.

Também nos serve de exemplo o modo como souberam conciliar e encarar as exigências do trabalho muitas vezes esgotante, com as da família, educando com amorosa e firme dedicação cada um de seus filhos e encontrando na prática religiosa alento para superar todos os obstáculos. Os esposos Martin mostram também que a família não é um âmbito fechado sobre si mesmo, mas aberto aos demais. A todos os que entraram em contacto com eles, manifestaram solicitude e ajuda: as operárias que trabalhavam para a empresa familiar do “ponto de Alençon”, as domésticas, os pobres da cidade... Deram também testemunho de seu espírito cristão, vivendo com patriotismo, mas sem ódios, e com compaixão os duros momentos da guerra franco-alemã quando teve por cenário Alençon e seus arredores.

O casal Luis Martin e Zelia Guérin pode dar luz e força aos esposos e pais cristãos, para fazer da sua vida matrimonial uma fonte de alegria e um caminho para se santificar santificando. Dão testemunho que a família cristã, quando está animada pelo amor recíproco, é o âmbito onde cada um – pais e filhos – pode crescer e desenvolver-se até alcançar a santidade e oferecer com isso uma contribuição insubstituível à sociedade e à Igreja.

“Depois de ter abraçado todos os membros da minha querida família, ajoelhei diante de meu incomparável pai, pedindo-lhe a bênção” (Ms A 69r). “Jesus queria, no seu amor, fazer-me conhecer a mãe incomparável que me tinha dado” (Ms A 4v).

“Deu-me Deus um Pai e uma Mãe mais dignos do Céu do que da terra. Pediram ao Senhor que lhes desse muitos filhos e que os tomasse para Ele. Este desejo foi ouvido. Quatro anjinhos voaram para o Céu e as cinco filhas que ficaram na arena tomaram Jesus por Esposo” (CT 261).

Hermann Cohen

Judeu convertido pela Eucaristia

Líamos ainda há bem pouco tempo a notícia da trasladação dos restos mortais de Hermann Coen desde Berlim para a Igreja do nosso convento de Broussy em França. Isto despertou interesse por conhecer esta figura do Carmelo francês. Ouvi falar dele durante os meus anos de filosofia, mas pouco mais sabia que era um judeu convertido. Comecei agora a ler uma nota biográfica e gostei. E pareceu-me interessante para todos os leitores do nosso jornal.

Hermann é um judeu típico do século XIX que viveu na indiferença da fé e da prática judaicas. Jovem músico que conheceu a fama, jogador empedernido, cheio de dívidas e de credores. Converteu-se à fé católica, entrou no Carmelo teresiano e foi ordenado de sacerdote. Foi um dos grandes restauradores da Igreja católica em França de mediados do século XIX. Grande impulsionador de algumas formas de piedade que ainda hoje perduram, como por exemplo, a Adoração Nocturna.

Hermann gostou de ser tratado, até aos últimos dias da sua vida, como um convertido: “Frei Agostinho, miserável pecador, que se quer converter no ano que começa. Ámen”. Nos círculos católicos era considerado não só como convertido mas também como o pecador que se arrepende e expia os seus pecados. Como convertido procura atrair para a verdade todos aqueles que vivem no erro, à margem da influência da fé católica que para ele era a verdade. Ele próprio se considerava, assim o manifestou publicamente no primeiro sermão que pregou em S. Sulpício de Paris, como alguém que se tinha arrastado pelo “barro de uma



imoralidade sem pudor”, que se tinha deixado “arrebatar pelo vento de qualquer doutrina, fazendo profissão aberta de todos os erros”.

Hermann nasceu no seio de uma família de comerciantes e banqueiros judeus de Hamburgo. Os seus pais foram David Abraham Coen e Rosália Benjamim. Hermann foi educado, juntamente com o seu irmão Alberto, num colégio protestante onde foi muito menosprezado por parte dos seus companheiros protestantes devido à sua religião judaica, embora não tivesse recebido religião alguma. Reconhece que na sua família só se preocupavam de questões materiais: “A nossa casa era como um formigueiro em que se ia e vinha: mercadoria por todo o lado, por todas as partes gente que contava dinheiro e a diferença que eu via entre estas pessoas atarefadas não encontrava outra senão a quantia de fortuna, à qual se rendia todas as honras”.

Neste ambiente, Hermann viveu os poucos anos que passou em Hamburgo, uma vez que aos catorze anos foi para Paris para se formar como músico e ali em França passou, praticamente, o resto da sua vida. Aqui viveu uma crise de valores, de mudanças profundas, numa sociedade fortemente dividida. Em 1850, quando escreve a sua confissão sendo noviço carmelita descalço, revela quais eram as suas aspirações quando contava onze ou doze anos: “Êxitos, honras, celebridade, prazeres em que os artistas passam parte do seu tempo, viagens, aventuras. Tudo isso se pintava com cores rosa na minha imaginação, extraordinariamente desenvolvida para a minha idade”. Com o seu mestre de música frequentava os teatros, com o pretexto de ouvir boa música. Ele dizia que estas visitas o excitavam, querendo fazer realidade o papel dos heróis de teatro: “Ardia em desejos de chegar à idade na qual podia realizar todos estes sonhos”. Já convertido é capaz de afirmar que aos doze anos “aprendi muitas outras coisas cujo conhecimento foi funesto para a minha alma”.

Aos doze anos instalou-se com a sua mãe e irmãos em Paris, onde recebeu classes de piano de Franz Liszt, que aos vinte e dois anos tinha fama de piedoso e humilde. Liszt, além de o aperfeiçoar como pianista, introduziu-o nos círculos da moda de Paris. Hermann chega mesmo a afirmar que não havia festa ou cena em que não se sentisse lisonjeado e querido. A forma de vida que vivia converteu-o em menino caprichoso, orgulhoso e adulado por todo o género de seduções. “Era mimado nos salões”, o que fazia dele “o tirano da família”, já que como ele escreve: “Se estudava piano, toda a gente devia andar em bicos de pés... quando compunha música, o cuidado havia de ser ainda maior... Os mimos com que me rodeava a boa sociedade persuadiram-me que eu era um ser excepcional, e que o talento, o génio que possuía, a situação que ocupava exigia vida brilhante. Os meus familiares também se encontravam um tanto iludidos; e ninguém se estranhava quando minha mãe me servia os melhores bocados. Em tudo fazia grande deferência entre minha irmã, meus irmãos e eu”.

Em torno de Liszt e de George Sand o adolescente com catorze anos conhece as distintas correntes filosó-



ficas e espirituais do momento, algumas das quais se organizam em igrejas e se apresentam como alternativa ao cristianismo. Já convertido e noviço no Carmelo diz que era mimado nos salões de Paris, e que “as sociedades ímpias” pretendiam fazer dele correa de transmissão de todas as “espantosas doutrinas: panteísmo, ateísmo, fourierismo, saintsimonismo, socialismo, sendo um defensor do motim e da desordem, da abolição do matrimônio, o terror, o reparto dos bens e do desfrute comum de todos os prazeres”.

Em casa de George Sand conhece a Lamennais, um dos líderes do movimento republicano em França, que lhe oferece o livro *As palavras de um crente*. Neste livro Lamennais chama o povo à revolução para conseguir uma sociedade livre e igualitária. Hermann leu com paixão a obra de Lamennais e como muitos dos seus leitores encheu-se de fervor revolucionário. Chegou a confessar-se convertido no “benjamim de mais um dos profetas modernos da pretendida civilização” e contou a impressão que produziu nele a leitura do livro de Lamennais: “Não sonhava noutra coisa que com batalhas, prisões, liberdade, igualdade”.

A gente que o rodeava era simpática, inteligente e as mulheres bonitas. Anos mais tarde, já na solidão do Carmelo, reconhecerá que nos anos da sua adolescência e juventude “as amigas femininas absorviam o melhor do seu coração”, embora todo o amor ficasse reduzido ao prazer físico, a aventuras passageiras.

Quando Liszt decide abandonar Paris para se instalar em Genebra. Hermann segue o seu mestre com o qual continua a aprofundar a sua formação musical. Liszt deu-lhe a possibilidade de ocupar um lugar no conservatório de Genebra, o que unido aos primeiros concertos que faz na sociedade Filarmónica de Genebra lhe dá oportunidade de ganhar muito dinheiro o que lhe permite viver metido no jogo.

No Carmelo, quando escreva a sua confissão e recorde a sua estância em Genebra e os círculos que frequentava, chega a afirmar que “é impossível dizer quanto se depravaram então as minhas opiniões”. Entretanto a sua amizade com Geord Sand “era como um passaporte que me dava direito de entrada em todos os salões de Europa”. Tem uma grande admiração por Maria D’Angoult, a amante do seu mestre Liszt, em cuja relação chegou a ver o que “até então não tinha visto senão nas novelas”.

De regresso a Paris em 1836 trava amizade com a princesa Belgiojoso que lhe abre as portas dos melhores salões do bairro Saint-Germain e converte-o em assíduo às tertúlias celebradas em sua casa e mais tarde no organizador das festas e concertos que a princesa preparava. As tertúlias reuniam o mais selecto da aristocracia, a política e a diplomacia e uma linha de pensamento onde se davam cita os profetas do mundo moderno e os pregadores sociais.

Hermann fez todos os possíveis para se adaptar a este novo ambiente. Fez grandes gastos para se vestir com luxo deixando muitas vezes de pagar. Tudo isto o levou a entrar em crise por não ter cultivado as suas antigas amizades. A princesa, bem como Liszt tentaram proteger o rapaz. Numa viagem que fez a Hamburgo para visitar a sua família, ao dar uns concertos na corte do príncipe de Mecklemburgo, enamorou-se de uma pianista de Paris muito mais velha que ele. De regresso a Paris travou amizade com um cantante de ópera a quem deu formação musical e a quem acompanhou ao piano nas suas actuações e com quem recorreu algumas capitais europeias.

A partir de 1837, aos dezasseis anos de idade e separado dos seus amigos, caiu no relativismo moral, vivendo cada momento como lhe apetecia. A partir deste momento até à sua conversão esteve dominado por duas paixões que o conduzirão à perdição: as viagens e o jogo. Depois de ter dado um concerto em Genebra em favor dos pobres, participou num jogo de azar. “Penso que foi a primeira vez que via esta classe de jogo. Segui com avidez todas as fases da fortuna dos jogadores: fortes somas em prata e ouro foram perdidas e ganhas. Pedi licença para que me deixassem arriscar, por minha vez, algum dinheiro. Foi o princípio de uma paixão que cavou os anos mais bonitos da minha juventude num abismo de torturas e de faltas, sem me deixar um momento de repouso”.

O jogo conduziu-o à mais pura ociosidade, esquecendo-se da sua dedicação à música, só a ela voltando quando tinha necessidade de dinheiro para os jogos de azar. Depois de certo tempo, escravo do jogo, enfasiado e desgostoso por este tipo de vida, rotas as suas relações com o seu mestre e amigo Listz, caiu num etapa de profunda solidão:

“Comecei a sofrer a doença que rói a turba dos ociosos e penetra até aos mesmos sítios em que se vão buscar as distrações, se apodera de quase todos os corações”.

Em 1837, Litszt convidou-o a à leitura de algumas obras de tipo filosófico e ofereceu-lhe uma Bíblia, onde lhe pôs a seguinte dedicatória: “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus”. Hermann tinha desejos de se converter mas nem ele sabia bem a quê. Estes desejos passaram depressa. Pelo ano de 1847 estava cheio de dívidas contraídas com o jogo. Necessitaria de dois anos para as satisfazer. Até que se dá o golpe da graça. É o próprio Hermann que relata a conversão em carta ao sacerdote judeu converso, Afonso Maria Ratisbona. Foi numa sexta-feira do mês de Maio de 1847, quando o príncipe de Moscovo pede a Hermann que o substitua na direcção de um coro que dirigia na Igreja de Santa Valéria. Hermann, que vivia perto, vai ali com gosto: “Aceitei, inspirado unicamente por amor à arte musical e pela satisfação de fazer um favor”. E no acto final da bênção com o Santíssimo, experimenta: “uma estranha emoção, como remorso por tomar parte na bênção, na qual carecia absolutamente de direitos para estar compreendido”. Ele próprio tinha dito que a emoção era grata e forte, e que sentiu “um alívio desconhecido”, e termina dizendo que: “Me vi obrigado a inclinar-me até ao chão, sem que mediasse a minha vontade”.

Hermann voltou à mesma igreja todas as sextas-feiras e, sempre no acto em que o sacerdote benzia com a custódia os fiéis ajoelhados, experimenta a mesma comoção espiritual, caracterizada pela emoção, o remorso e o alívio. Passado o mês de Maio e os actos em honra de Maria, Hermann continua a ir cada Domingo a Santa Valéria para assistir à missa, e sente necessidade de conhecer a piedade e a doutrina cristã.

Pessoalmente põe-se a obrigação de assistir diariamente à Santa Missa. Ele mesmo dizia que quando assistia à missa, ao ver que os fiéis se abeiravam da mesa eucarística, ele experimentava uma grande dor, porque “não me é dado assistir a este instante supremo sem chorar pela privação que me faz morrer”; é o que ele chama “milagre do sabor da Eucaristia” que se traduzia em lágrimas e enternecimento. Do mesmo modo assiste à recitação de vésperas e a qualquer outra função que se realizasse na igreja.

O seu baptismo terá lugar no dia 28 de Agosto, festa de Santo Agostinho. Prepara-se para ele encerrando-se dentro de sua casa e realizando uma novena de oração, escolhendo para ela o ofício de Nossa Senhora e o de Defuntos.

Na noite anterior ao seu baptismo volta a ter uma experiência que ele define como trágica: sofre por causa dum sonho em que se lhe representa de um modo sedutor toda a sua vida anterior. Conta Hermann que perante estas visões, “exausto, atiro-me para fora da cama, ajoelho-me aos pés do crucifixo, e ali, os olhos rasos de lágrimas, imploro o socorro misericordioso do Todo-poderoso, a assistência da Santíssima Virgem Maria. Imediatamente a tentação desapareceu”.

No dia 28 de Agosto, festa de Santa Agostinho, às três horas da tarde, na capela de Nossa Senhora de Sião de Paris, recebeu o baptismo de mãos do P. Teodoro de Ratisbona, mudando o nome de Hermann por Agostinho Maria e Henrique. Hermann descreveu o momento da seguinte maneira: “rapidamente o meu corpo estremeceu e senti uma comoção tão viva, tão forte, que não sabia compará-la melhor que ao choque de uma máquina eléctrica. Os olhos do meu corpo fecharam-se ao mesmo tempo que os da alma se abriam a uma luz sobrenatural e divina. Encontrei-me como sumido num êxtase de amor, e, como ao meu santo padroeiro, pareceu-me participar num impulso do coração, dos gozos do paraíso, e beber a torrente de delícias com que o Senhor inunda os seus eleitos na terra dos vivos...”.

No dia 8 de Setembro recebeu a primeira comunhão e a partir deste momento começou a comungar frequentemente, já que por aquele tempo não era normal a comunhão diária.

Um dos propósitos que fez, uma vez católico, foi o de converter todo o mundo e levar ao seio da igreja todos os transviados, de um modo especial os judeus: “Fiz voto, de fazer tudo o que era humanamente possível para a conversão dos judeus”.

Se por amigos não foi compreendido, menos ainda o foi pela sua família. Para um judeu, por secularizado que estivesse, passar ao catolicismo supunha sempre uma traição. Os mais próximos de Hermann, como o seu irmão e irmã intentaram ocultar a sua mãe a conversão do filho. O pai foi mais radical: cortou toda a relação com o filho maldizendo-o por se ter feito católico, deserdou-o.

Hermann, apesar de tudo, sempre manteve uma boa relação com a mãe e os irmãos a quem antes de professar como Carmelita, prometeu suavizar um pouco a situação entrando no Carmelo Descalço.

(Continua)

Santa Teresinha

Voo espacial

As Obras Missionárias Pontificias de Espanha informaram que as Carmelitas Descalças de New Csaney (USA) entregaram ao astronauta Ron Garan, uma relíquia de Santa Teresinha, para que o acompanhasse na sua viagem espacial.

Na Primavera passada, este comandante dirigiu-se à comunidade a pedir orações para a sua viagem pelo espaço, oferecendo-se para levar algum objecto sagrado que as freiras lhe dessem. Durante 14 dias esta lembrança teresiana percorreu mais de 9 mil quilómetros no espaço ao redor da Terra a uma velocidade de 27.291 km/h. Durante esse tempo, com uma oração intensa, a comunidade pediu a Santa Teresinha uma chuva de rosas do espaço sobre o mundo. A sua vocação universal chegou até os confins do espaço.

A 17 de Agosto passado as Carmelitas de New Caney receberam a prometida e esperada visita do amigo astronauta da comunidade.

Ron foi parte da tripulação da última viagem da nave espacial Discovery, que aconteceu do dia 31 de Maio a 14 de Junho para transportar e acrescentar o módulo de laboratório japonês Kibo (Esperança) à Estação Espacial Internacional.

A missão de Ron consistiu em sair ao espaço, atado só por um cabo, em um braço robótico guiado do interior da estação por outro membro da tripulação, para mover o módulo japonês na posição correcta e segura, assim como fazer algumas reparações no exterior da estação espacial. A NASA preparou um vídeo da missão, pelo qual se pôde escutar e ver algo do que aconteceu “dentro” da nave e da estação.

A comunidade lembrou as palavras de Santa Teresinha: “Sinto a vocação de apóstolo... Quisera percorrer a terra, pregar Teu nome, e plantar sobre o solo infiel Tua Cruz gloriosa. Mas Amado meu, uma só missão não me bastaria! Quisera anunciar ao mesmo tempo o Evangelho aos cinco cantos do mundo, e até nas ilhas mais remotas...”.

Com esta evocação as Carmelitas não tiveram dúvida em entregar ao astronauta uma relíquia de Santa Teresinha.

Pio XII

Fátima e o dogma da Assunção

Andrea Tornielli, vaticanista de “Il Giornale” e comissário da exposição “Pio XII – o homem e o pontificado (1876-1958)”, que estará aberta ao público de 4 de Novembro de 2008 a 6 de Janeiro de 2009, no Braço de Carlomagno do Vaticano, revelou que foram encontradas as anotações nas quais Pio XII narra que viu o sol rodar quatro vezes por ocasião da proclamação do dogma da Assunção.

Tornielli explicou à Zenit que foi encontrado no arquivo familiar um manuscrito inédito no qual o Papa Pacelli descreve o “milagre do sol”, um episódio do qual até hoje se havia falado só através do testemunho indirecto do cardeal Frederico Tedeschini, que o contou durante uma homilia.

“Vi o ‘milagre do sol’, esta é a pura verdade”, escreveu o Papa Eugénio Pacelli, referindo-se a um fenómeno similar ao que havia acontecido em Fátima, em 13 de Outubro de 1917.

Na nota, que se pode ver na exposição, Pacelli recorda que em 1950, pouco antes de proclamar o dogma da Assunção (1º de Novembro), enquanto passeava nos jardins vaticanos, assistiu várias vezes ao mesmo fenómeno que se verificou em 1917, ao final das aparições de Fátima, e o considerou uma confirmação celeste de tudo que estava por realizar.

Pio XII escreveu que era o dia 30 de Outubro de 1950, às 16h: durante “o habitual passeio nos jardins vatica-



Bento XV consagra Bispo na capela Sistina a 13 de Maio de 1917 Eugénio Pacelli futuro Papa

nos, lendo e estudando”, à altura da praça de Senhora de Lourdes “rumo ao alto da colina, no caminho da direita que beira a muralha (...) fiquei impressionado por um fenómeno, que nunca até agora havia visto”.

“O sol, que estava ainda bastante alto, aparecia como um globo opaco amarelado, circundado ao redor por um círculo luminoso”, que, contudo, não impedia em absoluto fixar o olhar “sem receber o mais mínimo incómodo. Havia uma pequena nuvem adiante”.

A nota de Pacelli continua descrevendo “o globo opaco” que “se movia para fora ligeiramente, seja girando, seja movendo-se da esquerda para a direita e vice-versa. Mas dentro do globo se viam com toda clareza e sem interrupção fortíssimos movimentos”.

O Papa testifica ter assistido ao mesmo fenómeno “em 31 de Outubro e 1º de Novembro, dia da definição do dogma da Assunção, depois outra vez em 8 de Novembro. Depois já não mais”.

O Papa Pacelli menciona ter tentado “várias vezes” nos outros dias, à mesma hora e em condições atmosféricas similares, “ter olhado o sol para ver se aparecia o mesmo fenómeno, mas em vão, não podia fixar a vista sequer um instante, os olhos ficavam cegos”.

O pontífice falou do sucedido com alguns cardeais e outros mais chegados, tanto que a Irmã Pascalina Lehnert, a religiosa governanta do apartamento papal, declarou ao respeito que “Pio XII estava muito persuadido da realidade do extraordinário fenómeno, ao qual havia assistido em quatro ocasiões”.

Segundo Tornielli, existe um vínculo sólido entre a vida de Eugénio Pacelli e o mistério da Virgem Maria.

“Desde criança – sublinhou –, Eugénio Pacelli era devoto e estava inscrito na Congregação da Assunção, que tinha a capela perto da Igreja do Jesus. Uma devoção que parecia profética, já que foi precisamente ele quem declarou o dogma da Assunção em 1950”.

Notícias

“Cristo é o nosso tudo”

Como S. Paulo, assim terminámos o nosso retiro realizado nos dias 9,10 e 11 de Janeiro de 2009, na Domus Carmeli, a quem agradecemos nas pessoas do nosso P. Provincial e nosso Assistente P. Jeremias o acolhimento que nos reservaram. O mesmo teve como tema “Cristo é o nosso tudo” e foi orientado pelo Senhor P. Alpoim que com muita sabedoria nos orientou e conduziu através da Palavra e da contemplação. Tivemos a oportunidade de abrir as portas para estar com o Senhor e prosseguir no caminho de “Damasco”. Buscamos Deus, temos necessidade de Deus, e vivemos o mistério da oração: Pela fé e pelo amor descobrimo-l’O dentro de nós que nos foi enchendo em cada célula, em cada espaço. Assim fomos preparando para sermos cristãos renovados e distribuir o Seu Amor a toda a criatura. Damos graças a Deus por estes dias de crescimento e de aproximação com Ele. Acredito que os 73 participantes nesta graça, encontrarão a partir daqui, forças para enfrentar novos desafios. Que dia a dia abramos ao novo e que a nossa oração nos faça crescer e dar passos de cristãos carmelitas que descobriram o AMOR, com a consciência deste TUDO, que é CRISTO para nós, nessa vida de intimidade com Deus, pela oração, o silêncio e a meditação/contemplação.

O futuro Papa celebrou sua primeira Missa como sacerdote em 3 de Abril de 1899, no altar do ícone de Maria “Salus Populi Romani”, na capela Borguese, da Basílica de Santa Maria a Maior.

“E depois – continua Tornielli –, Eugénio Pacelli recebeu a ordenação episcopal do Papa Bento XV na capela Sistina, em 13 de Maio de 1917, dia da primeira aparição da Virgem em Fátima”.

Em 1940, em qualidade de pontífice, reconheceu definitivamente as aparições de Fátima, e em 1942 consagrou o mundo inteiro ao Coração Imaculado de Maria.

Encontrou-se muitas vezes com a Irmã Lúcia, a vidente de Fátima, e ordenou-lhe que transcrevesse as mensagens recebidas de Nossa Senhora, convertendo-se, portanto, no primeiro pontífice em conhecer aquilo que durante anos foi conhecido como o terceiro segredo, e que João Paulo II divulgou.

No dia 1 de Novembro de 1950, após ter consultado os bispos do mundo inteiro, unanimemente concordes – só seis respostas sobre 1.181 manifestavam alguma reserva –, com a Bula Munificentissimus Deus, Pio XII proclamou o dogma da Assunção, como cumprimento do dogma da Imaculada Conceição.

Ingrid Betancourt e Santa Teresinha

Ingrid Betancourt, excandidata presidencial de Colômbia e sequestrada durante mais de seis anos pelas FARC (Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia), foi libertada em Julho passado na selva colombiana. A notícia correu e emocionou o mundo, com grande eco em todos os meios de comunicação social. Depois foi recebida em Audiência papal por Bento XVI, visitou o santuário de Lourdes e esteve em Lisieux. Em todas as partes manifestou publicamente o seu agradecimento ao Senhor e falou em favor da liberdade de todos os presos políticos.

No seu livro “La rage de vaincre” oferece-nos este bonito testemunho da sua veneração por Santa Teresinha desde a forte experiência que lhe tocou viver: “Sempre me seduziu a expressão de amor total, o abandono de si mesmo a Deus. A vida de Teresa de Lisieux para mim é a expressão desta grande força, desta certeza absoluta de que Deus está ao nosso lado [...]. Como adulta, descobro que há uma imensa liberdade para não continuar agarrando-nos à vida, não pelo gosto da morte, mas por amor. E é isso que me parece inaudito quando o ser se realiza verdadeiramente...”.

Secretariado Nacional

No dia 15 de Agosto celebraram 25 anos de Consagração ao Senhor, duas irmãs do Carmelo de Beato Nuno - Crato.

A Festa foi presidida pelo Reverendo Padre Provincial e participada por toda a Comunidade, familiares e muitos Amigos. Também estiveram presentes a presidente e secretária do Conselho Nacional OCDS, que muito apreciaram terem participado na Festa, pois foi muito linda e rica de espiritualidade - A Santa Eucaristia muito vivida, o convívio, os deliciosos comes e bebes... e outras coisas boas que as palavras não podem nomear, mas que a alma jamais esquecerá ...

O que muito encantou e sensibilizou os elementos do Secretariado, foi o Espírito de Família Carmelita que ali se viveu e os levou a concluir que realmente não é preciso ter os mesmos pais, para nos sentirmos irmãos de facto!

São testemunhos vivos destes que nos levam a descobrir o “Centro” e a permanecer aí.

Maria Emília



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt